



# Histórias de vida e o Vera

## Esporte para além do esporte



**Carlos Gomes de Oliveira**

Professor especialista — Educação Física (6º ano)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

## **Escola Vera Cruz**

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

## **Histórias de Vida e o Vera**

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

**Claudia Cavalcanti** (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

**Priscila Pires** (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

**Suzana Lopes Salgado Ribeiro** (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

**André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Carlos começou a trabalhar no Vera em 1995  
Ele se despede da Escola no final de 2021.

# Esporte para além do esporte

## Carlos no Vera

Passei no Vera mais da metade de minha vida. Entrei com 24 anos e agora tenho 51. Essa primeira metade da minha vida teve um percurso bem interessante. Eu vim da periferia de São Paulo, sempre estudei em escolas públicas. Fiz o Ensino Fundamental 1 e, na época, o ginásio numa escola municipal. Depois fiz o Ensino Médio em uma escola estadual. Aí, decidi por Educação Física e que queria sair de São Paulo, queria ter a experiência de estudar fora. Prestei vestibular pra Federal de Uberlândia; passei, fui sozinho, mas acabei voltando pra São Paulo no ano seguinte e resolvi prestar o vestibular pra Educação Física na USP. Em 94, me formei.

Morava no alojamento dos estudantes, e um dos meus colegas veio apitar jogos internos aqui e ficou sabendo que precisavam de um professor auxiliar: "Carlos, tem uma escola ali no Alto de Pinheiros que tá precisando de um professor auxiliar". Pra ser sincero, eu nem conhecia o Vera Cruz. Achei a proposta interessante, vim fazer a entrevista, conversei com o Toshiaki [Tateyama, ex-coordenador de Esportes], depois com a Stella

Mercadante [ex-diretora]. Nessas coincidências da vida, uma das coisas que acho que contribuíram pra me apresentar pra Stella é que eu tinha sido o professor de natação de uma das noras dela, no Cepeusp. Stella comentou em casa: “Tô entrevistando um professor do Cepeusp”, e essa minha aluna, Gisele, me fez um elogio (que agradeço, inclusive), que acredito ter contribuído pra essa aproximação.

E eu não tinha experiência alguma como professor de Educação Física; tinha acabado de terminar a faculdade, tinha experiência com acampamentos, era professor de natação já fazia um tempinho. Dava aula pra crianças, mas a maioria eram jovens e adultos que procuravam as academias de natação; no Cepeusp, era a comunidade da USP. A Escola resolveu me dar uma chance. Depois de uns anos, fui perguntar pro Toshiaki: “O que fez você me contratar?”. E ele falou: “Sua experiência, o fato de você ter feito USP”, que foi a faculdade que ele fez também, “e a disposição de começar, praticamente, do zero”. Confesso que aprendi a ser professor aqui e muito, muito graças ao Toshiaki, que pra mim foi o grande mestre e modelo nessa forma de dar aula. Então eu devo muito, principalmente, a ele.

## Esporte e vida

Acredito que aqui haja uma preocupação verdadeira com a aprendizagem do aluno. Frases desse tipo mostram um pouquinho: “Um aluno não pode sair da aula do mesmo jeito que entrou”, aquela aula tem que ter um ganho pra ele, uma aprendizagem. Acho que esse sempre foi o foco.

Uma coisa a que a gente sempre deu muito valor são as aprendizagens que acontecem fora do que a gente chama tema “Educação Física”. Falei isso na minha entrevista pra Stella, que perguntou como é que eu via a educação. Lembro bem quando eu falei que eu sabia que a gente precisava olhar para aquele aluno de uma forma mais holística, mais integral, mais sistêmica. Eu não vou apenas ensinar Educação Física, eu vou ensinar valores, e Educação Física é uma disciplina que consegue trabalhar os valores, principalmente os relacionamentos. A gente aprende a jogar, a conhecer o corpo, mas a gente aprende a lidar com o conflito — e como tem conflito! Se tem uma disciplina que gera mais conflito dentro da escola, essa disciplina é a Educação Física. E eu vejo o conflito como uma oportunidade enorme de aprendizagem, porque lido com a questão do respeito, com o diferente.

Você é mais habilidoso ou menos habilidoso ou habilidosa e eu tenho que ser generoso, eu tenho mais experiência pra você. Então, essa generosidade acontece muito no esporte e eu entendo que a Educação Física causa trauma e deve ter causado trauma na vida de muita gente. Quem que nunca ouviu: "Detesto bola, não me ponham pra jogar, não quero saber"? Quanto disso não é trauma de Educação Física?

Sempre falei pros meus alunos que sou um professor de Educação Física um pouco atípico. Porque nunca fui muito praticante de esporte, sempre gostei de brincar, mas o esporte mesmo, propriamente dito, eu acabei não praticando tanto, e quando eu fui praticar Educação Física na escola, eu passei por uma fase em que eu era um dos últimos a ser escolhido — eis um grande trauma pra um monte de gente. Então, quando o aluno é o último a ser escolhido, eu sei o que tá passando, porque eu passei por isso e eu uso muitas vezes o meu exemplo com os alunos dessa minha vivência, de que quando eu não sei jogar e eu vou me relacionar com pessoas que sabem e vou passar por um processo de escolha, muito provavelmente vou ser o último mesmo. Então, vou lidar com isso e posso usar isso pra me impulsionar a aprender. É claro que nem todo mundo segue esse caminho.

Por esse motivo, aqui na Escola, não uso só esse método pra escolher time, a gente varia pra que todos possam experimentar diferentes formas nessa relação com a competição. Assim fui formado pra ser professor, aqui, no Vera Cruz.

Trabalho com uma faixa etária que tá aprendendo tudo sobre a vida. Eles trazem de casa formas de lidar com o outro que são as mais variadas possíveis, eles têm pouco acervo motor, não conhecem o que a gente tá ensinando, muitos deles vão experimentar o esporte agora, no Fundamental 2, no 6º ano. Por uma questão de currículo mesmo. Então, pra eles é novo, e conseqüentemente, pra muitos deles, lidar com a competição é novidade, lidar com o conflito gerado pela competição, com a questão do ego, se sentir mais forte, mais fraco. São questões que vão aparecer nessa faixa etária, aos 11 anos, no 6º ano, e a gente vai percebendo que, conforme eles vão amadurecendo, eles já começam a lidar melhor com a questão dos conflitos.

Aliás, uma coisa muito legal que a gente vivencia aqui é que chega no 6º ano eles são muito dependentes de nós, por exemplo, pra jogar. Conforme vão ganhando experiência, a gente vai saindo de cena na hora do jogo e eles conseguem se regular ali, sem necessidade de mediação. O respeito, a empatia come-

çam a aumentar. É muito gostoso saber que a gente não tá só lidando com o jogo.

## Centro de Esportes, Centro de Treinamento

Quando eu entrei no Vera, fui chamado pra trabalhar no Centro de Esportes. Na época, em 95, quando eu entrei, do Jardim 2 até o equivalente, naquela época, à 6ª série, o que é hoje o 7º ano. Fiquei alguns anos trabalhando com os pequenininhos também. Coisa mais gostosa do mundo é trabalhar com os pequenos, foi uma experiência muito legal.

Com o passar dos anos, o Toshiaki, numa conversa, me falou: “Carlos, acho que você consegue ajudar bastante na relação com os maiores, você tem uma pegada legal com eles e eu queria que você ficasse aqui no Centro de Esportes do Verão”. Foi quando deixei o Verinha e vim pro Verão trabalhar com o Centro de Esportes, hoje do 3º ao 6º ano.

Infelizmente, quando chegou a pandemia, o Centro de Esportes teve que ser fechado, totalmente compreensível. No começo de 2020, o Centro de Esportes foi fechado. Mas essas crianças que

chegavam pequenininhas pra gente começavam a vivenciar o esporte, começavam a aparecer as diferenças, e na Educação Física das crianças que tinham passado pelo Centro de Esportes já começava a ficar clara a discrepância de habilidade. Na Educação Física tem tanta discrepância, porque tem a questão da experiência que essas crianças têm e tiveram aqui no Centro ou em clubes particulares.

Hoje eu dou aula pro 6º ano, algumas dessas crianças do 6º ano foram minhas alunas no Centro e acabam se destacando na Educação Física, porque já tiveram essa experiência. Foi um tempo muito gostoso, a gente brinca muito mais, do 3º ao 4º ano a gente lida muito mais com a brincadeira, com os jogos pré-esportivos.

O Centro de Esportes focava mais nos esportes chamados tradicionais, que são o futebol de salão, o handebol, o basquete e o vôlei, numa menor intensidade — os dois primeiros até porque eram as modalidades em que o Vera Cruz competia externamente. Então, de uma certa maneira, o Centro de Esportes já começava a preparar pra essas competições externas, que depois seria o Centro de Treinamento, na etapa seguinte ao Centro de Esportes.

Ao Centro de Esportes, o aluno vinha de forma voluntária, se inscrevia, e depois, no Centro de Treinamento, quando chegava já no Fundamental 2, os alunos já eram selecionados pra competir externamente. Então, um era a extensão do outro e eu tive oportunidade de trabalhar nos dois.

Fiquei por oito anos treinando essas equipes, um tempo muito bom na minha vida, porque era muito divertido, gosto da competição. Eram mais alunas, pois eu era o técnico do basquete feminino e do handebol; fiquei um tempo com o masculino, mas a maior parte do tempo com o feminino.

Passar o final de semana jogando — vou guardar na lembrança com saudade dessa época do Centro de Treinamento, das competições.

## **Estudos do Meio**

O Vera sempre teve diferentes características de Estudo do Meio. Em função da faixa etária, o Estudo do Meio de que eu mais participei, que tinha uma conotação mais lúdica, embora nunca deixasse de ser Estudo do Meio, foram os acampamentos do 6º ano. Foram vários, no Paiol e, até mais recentemente, no Peraltas. Nos últimos Estudos do Meio eram três dias com

esses alunos. Nós, de Educação Física, entrávamos de cabeça com os monitores, muitas vezes fazendo um papel muito similar ao dos monitores do acampamento. Eu, particularmente, gosto de violão, de cantar, tocar, então sempre levei meu violão pra esses Estudos. No Peraltas sempre havia, na última noite, as serenatas. Eu pegava uma música, ensinava ou os alunos escolhiam uma música e eu pegava o violão, e aí levava os meninos pra fazer serenata pras meninas — e aí, claro, as meninas queriam retribuir. Eu terminava o trabalho à noite com os meninos e ia pro quarto das meninas, que queriam cantar. Pegava uma música com elas, depois iam lá as meninas cantar pros meninos e virava uma grande festa, um grande luau nessa brincadeira tão divertida.

Também participei de um Estudo do Meio, na época 7ª série, hoje 8º ano, com um papel mais de acompanhamento do Estudo com os outros professores, exercendo o mesmo papel, de auxiliar no processo educativo, e a mesma coisa na chave de ouro, que é a viagem pra Minas Gerais. Desse Estudo do Meio de Minas tive a oportunidade de participar três vezes, até porque eu não fui professor de 8º e 9º. Tive a oportunidade de participar dos dois últimos Estudos de Meio de Minas, uma viagem espetacular. Senti muito pelos alunos de 2020, que, por conta da pandemia, não vivenciaram isso que eu chamo de fechar com chave de ouro, uma viagem espetacular e multidisciplinar.

Os alunos aprendem as questões ligadas ao Estudo do Meio, mas naqueles seis dias de relacionamento tem muita aprendizagem. Quanto mais a gente fica com o outro, mais a gente aprende do outro com o outro, que é o grande diferencial do Vera, esse foco em relacionamentos, nesse processo de aprender juntos e aprender do outro com o outro.

Acho que isso que é muito legal.

## Trocando o pneu do carro em movimento

Foi horrível. Se, por um lado, trabalhar Educação Física era aquela atividade que os alunos amavam e amam, presencial, quando foi pro *online* foi a disciplina mais ingrata, mais difícil de trabalhar. A gente brincou muito nas reuniões de área que a gente foi aprendendo a trabalhar a Educação Física como se estivesse trocando o pneu de um carro com o carro em movimento, dando muita cabeçada, porque ninguém tava preparado.

De uma hora pra outra me vi assistindo a vídeo tutorial de como fazer edição de vídeo pra poder fazer videoaula. Aliás, no começo a Educação Física demorou um pouco pra entrar ao vivo, a gente começou com vídeos.

Eu me sentia ali um youtuber fazendo atividade física diante de uma câmera, sem saber quem me assistia, e essa é a questão. E por que é tão horrível quando eu falei “foi horrível”? Porque a gente não sabia se o aluno fazia ou não a atividade.

Aí, teve uma hora que a gente foi se acostumando com o *online* e aí falei: “Ah, quer saber de uma coisa? Vou fazer aqui a minha atividade física”. A grande maioria dos alunos da Educação Física não abria a câmera, principalmente porque eu comecei com o 8º, fui o responsável por trabalhar com eles. Eles não abriam a câmera. Então chegou uma hora que eu desencanei e falei: “*Hello*, será que tem alguém aí?” [risos]. No começo foi difícil, aí depois a gente se acostumou, e agora, em 2021, a gente já tava quase expert em filmagem, então foi uma grande aprendizagem, mesmo difícil.

Quando comecei este ano, o 6º ano já chegou adaptado ao *online*, eu também, e aí a maioria já abria a câmera, fazia aula. Então foi um pouquinho mais divertido — um pouquinho menos chato, talvez seja essa a palavra —, mas eu acho que a gente conseguiu passar por essa fase. Quando voltei a dar aula na quadra, mesmo estando com máscara, a atividade não pode ser muito intensa porque falta ar, a gente não respira igual, não tem como. Mas aí a gente se sentiu voltando pra casa, era essa a sensação.

Confesso que a primeira vez que eu pisei no Vera Cruz com aluno bateu aquela emoção, a emoção de estar voltando de novo ao presencial, porque aí, sim, a gente volta a fazer o que a gente gosta, vendo o aluno participando de algo que ele ama fazer, que são as atividades que a gente proporciona. Que bom que a gente tá voltando cada vez mais próximo do que a gente fazia antes. Mas, valeu, valeu pela aprendizagem.

## **Novos ares e brisa do mar**

Quando fui prestar pra Educação Física, com meus 17 anos, pensei: "Faço Educação Física ou Psicologia?". Eu sabia que eu queria mexer com gente de uma forma ou de outra, ensinando, ajudando. Com 17 anos, a gente não tem certeza de nada. Com 51, a gente já não tem muita certeza, então imagine aos 17. Acabei entrando em Educação Física. Em 2004, já trabalhando no Vera, com mais estabilidade, pensei: "Por que não fazer Psicologia?". Comecei a conviver com pessoas da área de Psicologia e aquilo começou a despertar pra mim. Foi quando saí do Centro de Treinamento do Vera porque a faculdade era à noite. Em 2008, me formei e tenho trabalhado como psicólogo clínico desde 2009. Já são 12 anos como psicólogo. Nesses 12 anos, Vera Cruz, consultório, Vera Cruz, consultório. Quando eu estava com o Centro de Esportes,

tinha uma carga horária muito maior como professor, uma carga menor como psicólogo. Com a chegada da pandemia e o fechamento do Centro de Esportes, não precisei fazer nada, e mais pessoas começaram a me procurar como psicólogo.

E o que aconteceu? Minha carga horária como professor diminuiu naturalmente e como psicólogo aumentou, então as coisas se equilibraram. Hoje, meu tempo tá muito equilibrado. Essa psicologia é *online*, porque com a pandemia os pacientes querem fazer *online*: "Carlos eu tô aqui nos Estados Unidos, tudo bem?", "Tô em Santa Catarina", "Tô no Rio de Janeiro"... Tenho pacientes de um monte de lugares além de São Paulo. E mesmo em São Paulo há pacientes que são da Zona Norte, da Zona Sul. Meu consultório é na Vila Romana. "Ah, Carlos, vamos fazer *online*, tudo bem?" Ou pacientes presenciais que, quando tiveram a primeira experiência *online*, me lembro desse paciente no sofá da casa dele, falando: "Carlos, eu não saio mais daqui, não, eu não vou mais cruzar a cidade pra chegar no seu consultório, vai ficar assim". Acabou sendo uma opção dos pacientes, e por conta disso não faz diferença onde eu vou morar, basta ter internet pra poder trabalhar.

Então veio uma conversa com a minha esposa sobre um desejo antigo nosso de morar fora de São Paulo. A gente gosta

muito de Santos. Quando chegou agora, analisando todas as situações à nossa volta, achei que as coisas tão contribuindo pra isso. Foi quando manifestei meu desejo, conversei com o Daniel [Helene, coordenador] e expliquei o que tava acontecendo e ele concordou com minha proposta. Tô fazendo esse desligamento agora de uma forma muito tranquila, vai deixar muita saudade, mas eu acho que é tempo, tempo de viver esse novo momento.

Queria ler um texto que fala um pouquinho desse meu tempo.

*Texto do tempo, livro de Eclesiastes:*

“Tudo neste mundo tem o seu tempo; cada coisa tem a sua ocasião. Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de construir. Há tempo de ficar triste e tempo de se alegrar; tempo de chorar e tempo de dançar; tempo de espalhar pedras e tempo de juntá-las; tempo de abraçar e tempo de afastar. Há tempo de procurar e tempo de perder; tempo de economizar e tempo de desperdiçar; tempo de rasgar o tempo e de remendar; tempo de ficar calado e tempo de falar. Há tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz. Deus marcou o tempo certo para cada coisa. Ele nos deu o desejo de entender as coisas que já aconteceram e as que ainda vão acontecer,

porém não nos deixa compreender completamente o que ele faz. Então entendi que nesta vida tudo o que a pessoa pode fazer é procurar ser feliz e viver o melhor que puder.”  
Eclesiastes 2.

É isso, ufa.

Obrigado Vera Cruz, foi um tempo muito bom. Já vou chorar, pois é tempo de chorar também. A gente chora aquilo que é bom, se despedindo.





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021